Há linhas privilegiadas na estrutura das composições de Guilherme Parente.

São octogonais, estabilizadoras. São horizontais umas, verticais outras, seguem os bordos do campo pictórico.

As linhas horizontais são por vezes tensas, revelando um intelectual modo de escalonar planos, uns atrás dos outros, todos frontais: sinais de um conhecimento do espaço real, sistematizando-se para uma reinvenção.

As linhas verticais são sensíveis, menos rectilíneas. São o percurso de um olhar contemplativo que se ergue lentamente, que se demora nas qualidades sensuais dos objectos, que se interroga sobre a fascinação sofrida, que quando passa adiante não esquece a verdade da emoção entretanto sentida: sinais de que a descoberta física não se passa aqui sem projecção sentimental.

É de um ponto de vista subido que o espectáculo se apresenta no seu todo.

O poeta sonha, paira.

Guilherme Parente vem com o seu lirismo acrescentar uma dimensão "metafísica" a um neo-figurativismo quase "pop", mas não há gigantismo americanoide nem terrificante insolitismo. É um tranquilo receptador das imagens alucinantes, e funde os opostos conceitos numa experiência íntima em que participa inteiro.

A sensualidade desempenha uma função importante nesta experiência.

A materialidade dos pigmentos tem por si mesma uma presença desejada.

E é o sensorialismo cromático que na sua exaltação exige a indefinição linear.

As linhas e as cores são assim conjuntamente orquestradas, e através delas sugerem-se as zonas densas e as rarefeitas, os cheios e os vazios, as figuras e os fundos, os objectos e o espaço. A movimentação é suave como uma flutuação, como uma vibração feliz, como um entendimento vivo do repouso. Se se pressente a agitação, logo se apela para o sossego. Há mais movimentação nos vazios do que nos cheios, mais no espaço do que nos objectos, absurdamente. Quando identificamos uma figura veloz, ela é apenas uma incorpórea silhueta, uma sombra fantasmagórica, umas asas de morcego. E quase nunca há sombras nos seus objectos solares, nas árvores, nos rochedos.

Estes objectos naturais e imaginários, meio-familiares e meio-insólitos, moles, sem peso, talvez ocos, são como os objectos de um cenário onde habitará, sem que saiba a história que aí irá desenrolar-se.

Alguém o precedeu já: um primeiro enviado do pintor, um solitário S. Jerónimo. E apercebemo-nos, na sequência dos quadros, que qualquer história que aconteça será um jogo entre a melancolia e o humor, entre a sabedoria e a acção transformadora: o S. Jerónimo largou o livro e passou a usar um chapéu mágico.

A aventura poética de Guilherme Parente é autêntica e prometedora.

Há nela abertura para novas dimensões da imaginação, porque há "rêverie" e não há fanatismo. E há encontro, porque há essencialidade.

Rui Mário Gonçalves